



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CENTRO DE HUMANIDADES- CAMPUS III
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

SAYONARA CARLOTO SANTANA BERNARDINO

**TRABALHANDO A LEITURA BÍBLICA NA PERSPECTIVA DO
LETRAMENTO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

GUARABIRA/PB

2016

SAYONARA CARLOTO SANTANA BERNARDINO

**TRABALHANDO A LEITURA BÍBLICA NA PERSPECTIVA DO
LETRAMENTO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Artigo apresentado à Universidade Estadual da Paraíba-Campus III, em cumprimento aos requisitos para a obtenção do Título de Graduada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Francinete Fernandes de Souza

GUARABIRA/PB

2016

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

B523t Bernardino, Sayonara Carloto Santana

Trabalhando a leitura bíblica na perspectiva do
letramento no ensino fundamental / Sayonara Carloto
Santana Bernardino. – Guarabira: UEPB, 2016.

18 p.

Artigo (Graduação em Pedagogia) – Universidade
Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof^a. Dr^a. Francinete Fernandes de Souza.”

1. Leitura. 2. Letramento. 3. Contação de histórias.
I.Título.

22.ed. CDD 371.27

SAYONARA CARLÔTO SANTANA BERNARDINO

**TRABALHANDO A LEITURA BÍBLICA NA PERSPECTIVA DO
LETRAMENTO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Artigo apresentado à Universidade Estadual da Paraíba - Campus III, em cumprimento aos requisitos para a obtenção do Título de Graduada em Pedagogia.

Aprovado em: 26 / 10 / 2016

Francinete Fernandes de Souza

Prof^a. Dr^a. Francinete Fernandes de Souza (UEPB)

Orientadora

Rita de Cássia da Rocha Cavalcante

Prof^a. Ms. Rita de Cássia da Rocha Cavalcante (UEPB)

Examinadora

Karla Valéria Araújo Silva

Prof^a. Esp. Karla Valéria Araújo Silva (UEPB)

Examinadora

TRABALHANDO A LEITURA BÍBLICA NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO NO ENSINO FUNDAMENTAL

BERNARDINO, Sayonara Carloto Santana ¹

RESUMO

Este artigo pretende explicitar a importância da contação de histórias para o desenvolvimento educacional e social da criança, apontando a relevância da participação desta como leitora na construção dos sentidos a partir da interação com textos bíblicos, os quais podem se configurar uma boa opção para o estímulo à prática de leitura. Para tanto, este trabalho trará inicialmente algumas reflexões acerca da importância da inserção da criança no mundo da leitura para o seu desenvolvimento social (LAJOLO, 2002). Em seguida, ancorando-se nas discussões de Kleiman (2007), Martins (2007) e Duran (2009), faremos alguns apontamentos sobre as concepções de leitura e suas implicações para o ensino. Depois, apresentaremos alguns aspectos destacados Soares (2009) sobre o ensino da leitura na perspectiva do letramento, o qual prevê a figura do professor como agente mediador entre o letrado e o não letrado, contribuindo, assim, para uma alfabetização consciente, voltada para o desenvolvimento da autonomia social do aluno. E por fim, iremos descrever o resultado de uma atividade prática de leitura a partir da contação de narrativas bíblicas. Tal atividade foi planejada com o objetivo de promover a interação dos educandos com esse tipo de leitura, a fim de instigar neles o gosto pelo hábito de ler, bem como, ampliar os conhecimentos prévios dos alunos em todos os seus aspectos sociais e cognitivos.

Palavras-chave: Leitura. Letramento. Contação de histórias.

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba- Campus III.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	06
2. A importância da leitura para o desenvolvimento social da criança.....	07
3. Concepções de leitura: Implicações para o ensino – aprendizagem.....	08
4. Leitura na perspectiva do letramento.....	10
5. Inserção da leitura bíblica na sala de aula.....	11
5.1 Trabalhando a leitura através da contação de histórias bíblicas.....	13
6. Considerações finais.....	16
7. Referências.....	18

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende fazer uma análise sobre a perspectiva do letramento na educação de ensino fundamental com o foco na contação de histórias bíblicas como parte de leitura no desenvolvimento educacional. Destacaremos essa prática enquanto direito da criança de ouvir histórias, não importando se seja literatura secular ou de cunho religioso, pois, para a criança o que encanta é o enredo da história, é a maneira que o adulto lhe transmite os acontecimentos vividos pelos personagens de determinado livro.

Ao oferecer uma linguagem capaz de encantar, a leitura pode ocupar um bom espaço na vida das crianças, encantamento esse que comove e estimula os sentidos, se for levado em conta que é quando criança que se inicia o caminho para o mundo dos livros. Contudo, nosso intuito não é discutir o incentivo apenas da leitura bíblica, ou que somente ela seja necessária para as crianças, mas defender o argumento de que é direito da criança ter o contato direto com vários tipos de textos, histórias e livros.

Dessa forma, iremos inicialmente abordar sobre a importância da leitura para o desenvolvimento social da criança, sobretudo no que se refere ao convívio na sociedade, onde tudo envolve essa competência. Em seguida, iremos salientar, brevemente, que as implicações no ensino da leitura estão ligadas diretamente à concepção de linguagem que o professor apresenta, visto que esse aspecto pode influenciar diretamente na motivação ou desmotivação do aluno pelo hábito de ler. Depois, iremos destacar a importância da leitura na perspectiva do letramento, o qual sugere uma autonomia do leitor em suas práticas sociais e prevê a figura do professor como mediador desse processo. Apontaremos ainda como a inserção da leitura bíblica na sala de aula pode se configurar uma boa opção para o estímulo à leitura. Por fim, traremos a descrição de uma atividade prática de leitura desenvolvida a partir de algumas narrativas bíblicas numa turma do 1º ano do ensino fundamental de uma Escola Evangélica da cidade de Guarabira PB¹. Nosso objetivo, por meio da descrição dessa atividade, é destacar como os processos de

¹CEEPAPS (Centro Educacional Evangélico Pastor Antonio Petronilo dos Santos), localizada à Rua: José de Oliveira Madruga, sem número, Bairro: São José, na cidade de Guarabira, PB. Trata-se de uma Escola confessional da Assembléia de Deus.

alfabetização e letramento estão interligados e que ambos podem (e devem) se complementar simultaneamente no processo de ensino-aprendizagem da leitura.

2. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL DA CRIANÇA

A leitura é indispensável para o ser humano em todos os aspectos, inclusive no aspecto social, pois nos permite estar em interação constante não só com os outros indivíduos, mas com o mundo. Precisamos de tal habilidade para nos situar no espaço familiar, social e cultural do nosso país. Lajolo (2002, p.106) comenta em um dos seus livros que:

Numa sociedade como a nossa, em que a divisão de bens, de renda e de lucros é tão desigual, não se estranha que desigualdade similar presidia também a distribuição de bens culturais, já que a participação em boa parte desses últimos é mediada pela leitura, habilidade que não está ao alcance de todos, nem mesmo de todos aqueles que foram à escola.

A leitura é uma atividade que sempre leva em conta as experiências e os conhecimentos prévios do leitor, sem os quais, muitas vezes, torna-se difícil, ou até mesmo impossíveis, a compreensão de determinados textos, sejam eles verbais ou não-verbais. É pois através da leitura que o homem consegue se situar no mundo e precisa dela se apropriar para realizar atividades corriqueiras como: ler um mapa, compreender os sinais de trânsito, verificar rótulos de alimentos, interpretar uma placa na estrada etc.

É através das atividades de leitura que a criança precisa ser motivada a construir significados que podem melhorar sua qualidade de vida, propondo um resgate da autoestima e do autoconhecimento. O educando tem que ser apresentado ao mundo da leitura por meio de uma diversidade ampla de textos para que se desenvolva cognitivamente enquanto ser social, como sugere o PCN (1998).

A literatura infantil proporciona à criança um desenvolvimento capaz de despertar o interesse e o hábito pela leitura fazem parte de um processo que deve começar muito cedo, em casa, e deve ser aperfeiçoado na escola.

3. CONCEPÇÕES DE LEITURA: IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM

O ensino da leitura deve ser a base do currículo da escola. Cabe ao professor relacionar as práticas de uso da linguagem às práticas sociais, o que implica trabalhos com textos que circulam socialmente, dando importância as literaturas infantis e aos gêneros textuais e literários como parte principal de uma interação com o mundo da leitura.

Contudo, essa atividade só poderá ser desenvolvida exitosamente se for baseada numa perspectiva em que a concepção de leitura que não se limite apenas à decodificação da escrita, a qual nada adiciona à vida prática do leitor, mas, deve ser pautada em uma concepção que leve em consideração também a emoção, os sentimentos e as vontades do leitor, despertando nele cada vez mais o desejo pelo “ato de ler”.

Em que se baseia a leitura? No desejo. Esta resposta é uma opção. É tanto o resultado de uma observação como a de uma intuição vivida. Ler é identifica-se com o apaixonado ou com o místico. É ser um pouco clandestino, é abolir o mundo exterior, deportar-se para uma ficção, abrir o parêntese do imaginário. Ler é muitas vezes trancar-se (no sentido próprio é figurado). É manter uma ligação através do tato, do olhar, até mesmo do ouvido (as palavras resoam). As pessoas lêem com seus corpos. Ler é também sair transformado de uma experiência de vida, é esperar alguma coisa. É um sinal de vida, um apelo, uma ocasião de amar sem a certeza de que se vai amar. Pouco a pouco o desejo desaparece sob o prazer. (BELLENGER, apud KLEIMAN, 2007, p. 15)

As leituras didáticas em sala de aula, muitas vezes, não se apresentam como uma atividade prazerosa de leitura porque se baseiam em concepções ainda tradicionais, que não consideram o indivíduo como um ser ativo para a construção de sentidos, mas, passivo, sem qualquer autonomia para a interpretação.

Duran (2009) comenta em suas pesquisas sobre algumas concepções de leitura que surgiram ao longo dos anos, as quais interferem diretamente na abordagem dessa competência na sala de aula. O autor aponta que uma das concepções, conhecida como ascendente, ou Bottom-up, é aquela que se configura como um

“[...] processo, dito passivo, que tem como base o texto, e o foga de tal maneira que o leitor não recebe papel algum a desempenhar, a não ser o de decodificador. [...] Essa concepção julga que o texto é fechado em si e não abre possibilidades de variação da maneira como deve ser lido, e até mesmo compreendido e interpretado.” (p. 04)

Esse tipo de leitura, que é pautada no sistema tradicional de ensino, pode ser exemplificada pelas propostas presentes em cartilhas de alfabetização e até mesmo em alguns livros didáticos do ensino fundamental, nos quais o foco é tão somente a localização de informações já prontas e acabadas.

Duran (2009) ainda aponta outra concepção, a descendente, a qual o autor se refere também como top-down. Nesta perspectiva, o leitor é responsável pelo sentido do texto, uma vez que já tem um conhecimento prévio do mundo. Nesta concepção, diferente da anterior, o autor já ganha espaço para participar da construção de sentidos por meio do acesso a sua bagagem de experiências vivenciadas. Porém, Duran sinaliza uma das ressalvas dessa concepção:

[...] é necessário ter em mente que tal leitura não deve ser encarada como um processo tão amplo que extrapole os limites do próprio texto, ou seja, a leitura do aluno é priorizada em relação à leitura que o professor propõe, sem que isso signifique, necessariamente, que a leitura do aluno tenha permissão de esvaír-se dos limites impostos pelo texto. O que queremos dizer é que, apesar de o aluno ter nas mãos a possibilidade de fazer prevalecer sua leitura de um determinado texto, ele não pode fugir do que é possibilitado de se depreender em uma determinada leitura. (2009, p.07)

Temos ainda outra perspectiva, a qual é conhecida como interacionista e pode ser considerada uma associação entre as duas concepções anteriores, a ascendente e a descendente, ou seja, há uma interação entre o processo de decodificação do texto e o conhecimento de mundo do leitor. E como ainda destaca Duran (2009, p. 08) “[...] migramos da concepção de leitura sob a perspectiva do leitor para a perspectiva da interação entre leitor e texto [...]”. Assim, a leitura passa a ser vista como um processo ativo da construção de sentidos.

O que faz o estudo do modelo interacionista de leitura importante, é que este aponta as dificuldades encontradas em relação à compreensão de um texto, não apenas com a dificuldade em decodificar as unidades linguísticas, mas também na falta de conhecimentos prévios por parte do leitor. Portanto, com a dificuldade já

apresentada, o professor deverá fornecer as condições necessárias para que se estabeleça a interação entre o aluno e o autor do texto utilizando-se do texto.

4. LEITURA NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO

Tal leitura é a que se encaixa na concepção sócio - interacionista, a qual motiva o leitor a interagir com o texto e associá-lo as suas práticas cotidianas de participação social, vai além da decodificação, envolve percepção, ou seja: O aumento de estímulos de leitura como: notícias escritas e televisivas, redes sociais, cartaz, outdoor, mapas etc., isto levou o surgimento de um fenômeno chamado letramento: estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas mantém e desempenha as práticas que usam a escrita. Diferente de alfabetizar que implica ação de ensinar, aprender a ler e a escrever, “letramento implica praticar socialmente a leitura e a escrita, respondendo assim, adequadamente as mudanças sociais da escrita e leitura”, (SOARES, 2010, p.45).

Mesmo que uma criança ainda não seja alfabetizada, ela pode ser considerada “letrada” pois, ao ver o rótulo de algum alimento que ela consome, ela faz espontaneamente uma associação, pois o letramento vem antes do ato de ler e escrever. Na convivência com livros diariamente, ouvindo histórias lidas por adultos, vendo adultos lendo e escrevendo, cultiva-se e exerce práticas de leitura e de escrita, por exemplo; quando segura um livro e finge que está lendo. Da mesma forma uma criança pode ser alfabetizada e não ser letrada, sabe ler e escrever, não faz uso prático da leitura e da escrita, tornando-se incapaz de entender o que leu.

No processo de alfabetização, a criança adquire o hábito de ler apenas aquilo que o professor induzir, ou seja, decodificar as palavras com aquelas sílabas que lhe são apresentadas na semana. Já durante o processo de letramento, essa leitura parte para uma concepção além do código lingüístico.

A leitura traz condições e possibilidades de aproximação das pessoas. Ela tem o poder de tirar a criança do seu ambiente, lhe permitindo voar na imaginação. Tal competência é tão significativa para quem está se alfabetizando que nota-se a diferença de quem é alfabetizado e não letrado dos que são alfabetizados e letrados, sendo esse último o que faz a diferença no histórico social da criança.

Há, sim, uma diferença entre saber ler e escrever, ser alfabetizado, e viver na condição ou de quem sabe ler e escrever, ser letrado [...] a pessoa que aprende a ler e a escrever – que se torna alfabetizada – e que passa a fazer uso da leitura e da escrita, a envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita – que se torna letrada – é diferente de uma pessoa que não sabe ler e escrever – é analfabeta – ou, sabendo ler e escrever, não faz uso da leitura e da escrita – é alfabetizada, mas não é letrada, não vive no estado ou condição de quem sabe ler e escrever e pratica a leitura e a escrita. (SOARES, 2009, p.36)

5. INSERÇÃO DA LEITURA BÍBLICA NA SALA DE AULA

A leitura de textos bíblicos dentro do currículo escolar pode ser de grande valia, os quais, quando usados adequadamente, podem configurar um grande instrumento na construção do conhecimento do educando, fazendo com que ele desperte para o mundo da leitura não só como um ato de aprendizagem significativa, mas também como uma atividade prazerosa.

Os PCN sugerem que:

[...] os professores deverão organizar a sua prática de forma a promover em seus alunos: o interesse pela leitura de histórias [...]. Isto se fará possível trabalhando conteúdos que privilegiem a participação dos alunos em situações de leitura de diferentes gêneros feita pelos adultos, como contos, poemas, parlendas, trava línguas, etc. Propiciar momentos de reconto de histórias conhecidas com a aproximação às características da história original no que se refere à descrição de personagens, cenários e objetos, com ou sem a ajuda do professor (BRASIL, 1998, p.117, 159.)

Analisando ainda os PCN, encontramos evidências de que o trabalho com leitura desenvolve a compreensão e interpretação de textos, buscando objetivos que inclui também o seu ponto de vista sobre o assunto, instigando ainda a busca por novas linguagens.

[...] trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (BRASIL, 1998, p. 69-70)

Esta constatação nos remete ao papel do professor, seja quando tem como objetivo a contação de histórias, sendo de sua escolha, na relação entre os livros e as crianças que acredita ser adequada, a faixa etária etc. Aos professores, cabe a responsabilidade de conduzir as crianças ao mundo da leitura, tendo em vista que poucas crianças têm o hábito de ler com seus pais, pois a maioria tem o primeiro contato com a leitura apenas quando chega à escola.

O Professor pode aproveitar essa oportunidade e trazer o mundo da leitura para a sala de aula com textos que enriquecem o vocabulário, transmitem conhecimentos diversos, lições de moral e boa conduta.

Uma história traz consigo inúmeras possibilidades de aprendizagem, como valores à vida e à família, os quais poderão ser objeto de diálogo com as crianças, possibilitando a troca de opiniões e o desenvolvimento de sua capacidade de expressão. Professores que oferecem a oportunidade da leitura agradável, sem forçar, mas com naturalidade, desenvolverá na criança um hábito que poderá acompanhá-la por toda a vida.

Quando o professor compreende que a leitura é um processo interativo, ele traz para a sala de aula a leitura diária, seja de qualquer gênero, e passa a mediar uma relação dialógica entre o aluno, o livro, sua cultura e com sua própria realidade. Ao ler a história, o professor também cria condições para que a criança trabalhe com ela a partir de seu ponto de vista, trocando opiniões, assumindo posições frente aos fatos narrados, defendendo atitudes e personagens, criando novas situações através das quais as próprias crianças vão construindo uma nova história.

Para que a criança se envolva na leitura é importante não se limitar apenas à alfabetização formal, através de textos sem sentido que apenas possibilite apresentar palavras com o tal padrão silábico estudado da semana. A conquista do pequeno leitor se dará através do incentivo que o professor dará diante das apresentações das histórias, ou seja, o prazer de contar a história, a postura, a criatividade ao narrá-las, vivenciando as emoções vividas pelos personagens das histórias.

5.1 TRABALHANDO A LEITURA ATRAVÉS DA CONTAÇÃO DAS NARRATIVAS BÍBLICAS

A Bíblia é configurada como suporte de vários gêneros, entre eles: poesias, sermões, parábolas, narrativas etc. O gênero focado na atividade que será descrita, foi a “narrativa”, a qual se caracteriza pela contação de algumas histórias (*Adão e Eva, A torre de Babel, Nascimento de Jesus* etc.) que tem como intuito transmitir uma mensagem edificadora para o crescimento moral das pessoas.

Os textos bíblicos são ricos em ensinamentos éticos e morais que nos acompanham em toda a sociedade, sendo eles: respeito aos mais velhos, obediência aos pais, ajudar os necessitados, temer a Deus, amar ao próximo como a si mesmo, fazer caridade, não mentir etc.

A realização da atividade, foi desenvolvida em uma turma de 1º ano do ensino fundamental de uma Escola Evangélica localizada na cidade de Guarabira-Pb. Por ser uma Instituição de caráter cristão, são adotados no currículo textos preferencialmente de cunho bíblico para promover aos alunos momentos de leitura a partir da contação de histórias.

Inicialmente foi preparado um lugar específico com os livrinhos diversos, todos da mesma editora (EDELBRA) que ficaram à disposição dos alunos:

Adão e Eva

A torre de Babel

Daniel na cova dos leões

Jonas e a baleia

As muralhas de Jericó

Davi e Golias

A arca de Noé

O nascimento de Jesus

Além dos livros, a Escola também dispõe para essas atividades de leitura uma Bíblia² bem colorida e com folhas duplas que fica na estante junto com os livros didáticos. As crianças só tem acesso a ela no momento da leitura.

A contação de histórias se dá num dos primeiros momentos da aula, as crianças e a professora vão para o cantinho da leitura onde juntos escolhem a história do dia, sentados em forma de círculo para que todos vejam as ilustrações do livro e acompanhem a leitura. A preferência das crianças é sempre pela Bíblia ilustrada; por ser bem colorida, grande, grossa e conter mais histórias, ela chama mais a atenção.

É importante ressaltar também que na sala de aula há livros infantis que não seguem essa linha de narração, tais como:

O Amigo Urso - Mery Weiss& Canini.

O Aniversário do rei – Rosangela Lima.

De letra em letra – Bartolomeu Campos de Queirós

Tatus Tranqüilos – Florence Breton

Reinor e a Borboleta Marieta – Mércia Maria Leitão e Neide Duarte

O Pintor de Jundiaí – Adaptação de Zeneide Silva

Natal sem peru – Daise Samico

Bom dia Marcos – Marie - Louise Gay

Os três porquinhos / O patinho feio / Bambi – Ed. Ciranda Cultural

Abecedário do Milô (para crianças) – Millôr Fernandes

Cantando com as vogais / Indiozinhos / A barata (cantigas populares) –

Adap. Zeneide Silva.

A galinha Ruiva (conto do folclore Inglês) – Adap. Rose Elaine Machado

Tainá, uma tartaruginha –de- pente – Socorro Miranda

E o dente ainda doía – Ana Terra

A raposa e o galo – La Fontaine

Rei leão da savana – Adap. Roberto Belli

O corvo que quis imitar a águia – La Fontaine

As roupas novas do rei – Hans Christian Andersen.

² Grandes Histórias da Bíblia. Ed. Rideel Bicho Esperto. Ilustrada por Tony Wolf. Textos por Anna Casalis. 1995.

Sempre que é lida uma história, bíblica ou não, a professora faz uma leitura colaborativa onde ela interrompe em alguns momentos esse procedimento para indagar as crianças sobre as pistas linguísticas que possibilitam a atribuição de determinados sentidos, como sugerem os PCN:

A possibilidade de interrogar o texto, a diferenciação entre realidade e ficção, a identificação de elementos discriminatórios e recursos persuasivos, a interpretação de sentido figurado, a inferência sobre a intencionalidade do autor, são alguns dos aspectos dos conteúdos relacionados à compreensão de textos, para os quais a leitura colaborativa tem muito a atribuir. A compreensão crítica depende em grande medida desses procedimentos. (BRASIL, 1997, p.61)

Diversificar a maneira que se conta as histórias é importante para não tornar-se rotineiro e desinteressante para as crianças. Quando se lê narrações bíblicas, o intuito nem sempre será de apenas estar contando histórias, mas buscar lições e aprendizados morais que nos possibilitem entender melhor a nossa sociedade contemporânea.

A prática de leitura intensa na sala de aula de diversos assuntos, textos, nos possibilita ampliar a visão de mundo e inserir o leitor na cultura letrada, estimular o desejo de outras leituras, possibilitar a vivência de emoções, o exercício de fantasias e da imaginação [...]. (BRASIL, 1997, p.64).

Alguns relatos em sala de aula nos trazem a reflexão de como a leitura nos faz aprender sobre tudo que nos cerca, inclusive nossos sentimentos. Ao observarmos duas dessas práticas, tivemos a oportunidade de vivenciar os conflitos que as crianças trazem dentro de si e como se tornam importantes os conselhos dos adultos. No primeiro momento, foi contada a história de Caim e Abel, filhos de Adão e Eva. Caim sentiu inveja em seu coração, porque Deus se agradou mais da oferta de Abel e por isso Caim matou seu irmão. Com este texto, surgiu a oportunidade de trabalhar na sala de aula o conceito inveja. A professora conduziu as crianças a expressarem o que sentem quando o colega ganha algo, o que sentem ao ver o colega sendo elogiado por uma atitude que tomou ou ganhou em um sorteio... Dessa forma, surgiram as oportunidades dos alunos para se expressarem e terem um diálogo mais aberto e participativo.

Com este diálogo uma das crianças sentiu-se à vontade para transmitir aos colegas de classe e a professora o que sentia, bem como suas histórias pessoais. No momento em que foi falado sobre a inveja, este aluno contou que sentiu inveja quando o seu irmão mais velho aniversariou primeiro e seus pais comemoraram com uma festinha. A professora aproveitou o momento e explicou que é normal os irmãos mais velhos receberem atenção especial nos seus aniversários, assim como os pais fazem o aniversário deles (Irmãos), quando chegasse o dia de seu aniversário, os seus pais iriam comemorar também.

Em seguida, houve outro relato quando se contou a história da Arca de Noé, onde o foco do assunto foi a obediência. A professora indagou sobre o que teria acontecido se Noé não tivesse obedecido a Deus. Houveram várias especulações, como por exemplo; -Não teria o dilúvio e os dinossauros ainda existiriam, os animais seriam mancinhos, etc. Mas uma em particular foi um tanto inusitada. A criança lembrou-se de um acontecimento pessoal e relacionou a história com o tema do texto, a obediência. Relatou que quase foi atropelada porque não obedeceu à sua mãe e não pegou na mão dela para atravessar a rua. São esses relatos que nos possibilitam entender o mundo infantil e o modo de compreensão de cada criança.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste breve estudo, foi possível enxergar a figura do professor como mediador entre o texto e o aluno, não apenas por meio das práticas de alfabetização, mas principalmente das práticas sociais do letramento, promovendo dessa forma o incentivo à leitura prazerosa, despertando no educando a satisfação de estar com livros e interagir com as diversas leituras que lhe são apresentadas todos os dias.

Ao ter a consciência de que é preciso adotar uma concepção interacional da linguagem, o professor poderá fazer escolhas pertinentes à realidade do aluno, envolvendo-o cada vez mais no processo de construção dos sentidos dos textos trabalhados. Como vimos, a contação de histórias pode configurar-se como uma boa sugestão para o incentivo à leitura, pois representa um momento dinâmico que tende a despertar na criança o desejo pelo hábito de ler e ouvir histórias, bem como associar o que ler e o que ouve com experiências vivenciadas no seu dia - a - dia,

como apontado nas interferências dos alunos envolvidos na atividade descrita acima.

ABSTRACT

WORKING THE BIBLICAL READING LITERACY IN PERSPECTIVE IN ELEMENTARY EDUCATION

BERNARDINO, Sayonara Carloto Santana ³

This article intends to make explicit the importance of storytelling for the educational and social progress of the child, pointing out the relevance of the child's participation as a reader in the construction of the senses through interaction with biblical texts, which can be a good option for the stimulus Reading practice. In order to do so, this work will initially reflect on the importance of the insertion of children in the world of reading for their social development (LAJOLO, 2002). Then, anchoring in the discussions of Kleiman (2007), Martins (2007) and Duran (2009), we will make some notes about the conceptions of reading and their implications for teaching. Then, we will present some highlights of Soares (2009) on the teaching of reading in the perspective of literacy, which provides the figure of the teacher as mediating agent between the literate and the unlettered, thus contributing to a conscious literacy, progress of the student's social autonomy. And finally, we will describe the result of a practical activity of reading from the account of biblical narratives. This activity was planned with the objective of promoting the interaction of students with this type of reading, in order to instill in them a taste for reading habits, as well as to broaden students' previous learning in all their social and cognitive aspects.

Keywords: Reading. Literacy. Storytelling.

³ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba- Campus III.

REFERÊNCIAS

- ARCE, Alessandra; MARTINS, Lígia Márcia (orgs). *Quem tem medo de ensinar na educação infantil?* em defesa do ato de ensinar. Campinas: Alínea, 2007.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- DURAN, Guilherme Rocha. *As concepções de leitura e a produção do sentido no texto*. Revista Prolíngua, 2009, vol. 2. Disponível em: < <http://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/viewFile/13427/7623>> Acesso em: 15/09/2016.
- KLEIMAN, Ângela B. *Letramento e suas Implicações para o Ensino de Língua Materna*. Signo. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 1-25, dez/2007. Disponível em: < <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/download/242/196>> Acesso em: 15/09/2016.
- KLEIMAN, Ângela B. *Oficina de Leitura: Teoria e Prática*. 11ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.
- KOCH, Ingedore V; Elias, Vanda M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*. São Paulo: Ática, 2002.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros passos; 74).
- SOARES, Magda, *Letramento: Um tema em três gêneros* - 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.